

TRANCE PSICADÉLICO, DROGAS SINTÉTICAS E PARAÍSO ARTIFICIAIS **REPRESENTAÇÕES: UMA ANÁLISE A PARTIR DO CIBERESPAÇO**

VASCO GIL CALADO

RESUMO: Apresentam-se os principais resultados de um estudo exploratório que analisou, em conteúdo, a informação veiculada em diversos fóruns electrónicos de discussão e outros documentos associados a uma subcultura juvenil, os *trancers* (adeptos de *trance* psicadélico, um tipo de música electrónica de dança). O consumo de substâncias psicotrópicas é visto, de uma forma utilitária, como algo que permite a «viagem», a *trip* sensorial que dá acesso a «paraísos artificiais».

Palavras-chave: *Trance* psicadélico; Música electrónica; Dança; Ciberespaço; Consumo recreativo de droga; Paraísos artificiais.

RÉSUMÉ: Cette article présente les principaux résultats d'une investigation exploratoire que prétend analyser le contenu de l'information véhiculé en divers forums électroniques de discussion et d'autres documents électroniques associés à une subculture juvénile, les *trancers* (adeptes du *trance* psychédélic). La consommation des psychotropes est vue d'une forme utilitaire, comme quelque chose qui permet le «voyage» aux «paradis artificiels».

Mots-clé: *Trance* psychédélic; *Dance music*; *Cyberspace*; Consommation récréative de drogue. Paradis artificiels.

ABSTRACT: This text presents the results of an exploratory research, which analyzes several electronic discussion forums and other e-documents associated to a particular youth group, the *trancers* (fans of psychedelic trance, a type of electronic dance music). Drug use is linked to the urge to escape the daily life routine and distort the senses. These are aimed in itself as something that allows the «trip».

Keywords: Psychedelic Trance; Dance music; Cyberspace; Recreational drug use; Artificial paradises.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo dá conta das principais conclusões de um estudo levado a cabo no Núcleo de Investigação do IDT sobre novas tendências de consumo de substâncias psicoactivas, e que resultou na publicação de *Drogas Sintéticas: Mundos Culturais, Música Trance e Ciberespaço* (Calado, V. 2006).

O estudo visava contribuir para um maior conhecimento dos novos fenómenos de consumo de drogas sintéticas em contextos recreativos. A investigação consistiu numa monitorização de diversos «espaços virtuais» associados à comunidade *trancer* em Portugal, uma cultura juvenil adepta de um tipo de música electrónica de dança, o *trance* psicadélico. Uma vez recolhida a informação, por via de uma observação não participante em ciberespaços, procedeu-se a uma análise de conteúdo.

Optou-se por um estudo de natureza qualitativa, dado que se procurava conhecer não só a relação dos membros desta subcultura com as diversas substâncias psicoactivas, como também as motivações de consumo, as representações sociais e aquilo que pode ser chamado «mundo cultural»⁽¹⁾ ou simbólico.

Esta investigação foi pensada com uma ideia em mente: não é possível agir, fazer prevenção, reduzir riscos ou minimizar danos, de modo eficaz, sem conhecer a população sobre a qual se pretende actuar. Não basta saber que determinada população consome certas substâncias, deve procurar entender-se as motivações, os propósitos, os riscos, as tendências que enquadram e explicam esses consumos. Assumidamente, o estudo não visava aferir prevalências de consumo mas antes obter um conhecimento «por dentro» da comunidade *trancer*, procurando entender o consumo de drogas como prática social, fazendo descer a análise a um plano cultural e simbólico, assente em representações e motivações colectivas.

2. METODOLOGIA

A revisão da bibliografia que antecedeu a investigação revelou a inexistência de estudos semelhantes, isto é, que tomassem como objecto a interacção em fóruns electrónicos de discussão. Na área das drogas e das toxicodependências, alguns trabalhos têm sido feitos tendo a Internet como pano

de fundo, mas não nos mesmos moldes. A maior parte assume a forma de compilação de informação, seja de materiais de prevenção ou outros conteúdos pedagógicos, seja de páginas onde é possível comprar *on-line* substâncias proibidas, etc.

Face a tal, esta investigação construiu a sua própria metodologia, assumindo a premissa básica de Gustavo Cardoso. Este autor, pioneiro em Portugal no campo das Ciências Sociais ao tomar a Internet como local de trabalho de terreno, defende, em *Para Uma Sociologia do Ciberespaço* (1998), que os cibernautas podem e devem ser vistos como actores sociais. “*Os utilizadores da Internet e do ciberespaço não se limitam a ser processadores solitários de informação, são também seres sociais. Não procuram apenas informação, também buscam pertença, apoio e informação, são também seres sociais*” (p. 25).

Para este estudo, de natureza intrinsecamente exploratória, seguiu-se uma metodologia mista, combinando observação não participante com análise de conteúdo. Num primeiro momento, identificaram-se e monitorizaram-se espaços virtuais onde os membros da subcultura *trance* têm por hábito interagir. Durante um ano, foram recolhidas, impressas e arquivadas mensagens consideradas relevantes – num total de 423 – de cinco fóruns electrónicos de discussão⁽²⁾ associados ao *trance* psicadélico e à música electrónica de dança.

O critério que presidiu à selecção das mensagens é que estas fossem relativas a festas *trance*, movimento *trancer/raver* e «mundo cultural», com particular destaque para as representações de substâncias psicoactivas. De fora ficaram as mensagens relativas a discussões em torno de produtoras e/ou artistas musicais, anúncio de festas, assuntos como ecologia, política internacional, questões do quotidiano não relacionadas com o objecto de estudo, etc.

Simultaneamente, fez-se um apanhado de sítios (*homepages*) na Internet relacionadas com o *trance* psicadélico, tanto enquanto género musical, como fenómeno social ou movimento juvenil. Foram contabilizadas mais de trinta páginas de Internet, tendo sido os seus livros de visita, ou *guestbooks*, analisados. Uma delas, a página pessoal de um *trancer*, que assina como *GreenAlien*⁽³⁾, foi analisada mais em detalhe: não só o discurso, como também a iconografia ou a história de vida.

Toda a análise de conteúdo foi orientada por dois campos de análise principais. A questão do **imaginário** – o mundo cultural de que as drogas se revelaram parte importante –, a partir de princípios, normas e valores, atitudes e crenças expressas pelos membros da subcultura. E a questão dos **consumos** de substâncias psicoactivas, a partir de experiências, dúvidas, opiniões, discussões, informações, novas tendências e relatos veiculados nos espaços virtuais monitorizados.

Os fóruns de discussão provaram ser um local de observação e análise particularmente ricos, dado tratar-se de uma informação estritamente entre pares e não mediada. O investigador obteve respostas a perguntas que ele próprio não colocou, assistiu a discussões que não provocou, foi uma presença invisível. Apesar de todas as carências que lhe possam apontar, esta metodologia possui uma grande virtude: assenta numa postura que favorece uma «lógica de descoberta», o princípio que deve orientar os estudos sobre «populações ocultas» ou à margem.

Os consumidores de drogas sintéticas, em contexto recreativo, estão, de uma forma geral, distantes dos centros de tratamentos e dos profissionais de saúde ligados às drogas. Podem, pois, ser considerados membros de populações ocultas, pelo que têm que ser os serviços de saúde a procurá-los, e os investigadores a inventar formas de ir ao seu encontro.

Nesse sentido, este estudo consistiu numa etnografia de ciberespaços, onde, à semelhança de estudos etnográficos de cariz mais tradicional, o investigador entrou num mundo cultural que lhe é estranho, viu-se envolvido numa determinada realidade social, analisou-a de acordo com as regras e lógicas internas observadas e procurou o sentido das coisas, fazendo da análise de conteúdo dos discursos presenciados o seu principal instrumento metodológico.

3. IMAGINÁRIO: A BUSCA DE PARAÍÇOS ARTIFICIAIS

A música electrónica de dança é um fenómeno que remonta a meados da década de 80 e originou a chamada «cultura de dança» (Redhead, S. 1993), uma subcultura juvenil cuja identidade se constrói em torno desta música computadorizada e de batida forte, da festa nocturna (*rave*) e da dança que aí tem lugar, de determinada indumentária própria e também

de algumas substâncias que são consumidas em contexto de lazer nocturno.

A cultura da música de dança está, desde sempre, fortemente associada a contextos recreativos, a estilos de vida colectivos e a formas de sociabilidade próprias (Hitzler, 2002). Victor Silva (2005), num estudo sobre a cultura de dança em Portugal, divide este movimento juvenil em três subculturas: os adeptos de *techno*, os adeptos de *house* e os adeptos de *trance*. Embora partilhem o essencial, cada uma tem o seu próprio conjunto de práticas e normas. No que toca especificamente ao consumo de substâncias psicoactivas, as diferenças são consideráveis, precisamente por dependerem de motivações e propósitos diferentes.

O que torna único o movimento *trancer* é o facto de assumir um conjunto de valores e princípios ideológicos que, intencionalmente, se opõem ao modelo de sociedade actual, e também a particularidade de realizar as suas festas nocturnas ao ar livre em zonas não urbanizadas, no campo, em florestas, em zonas quanto mais remotas melhor. A festa *trance*, se bem que possa ser considerada uma *rave* – por prolongar-se pela noite fora e juntar habitualmente uma quantidade grande de gente a dançar simultaneamente –, é profundamente diferente das festas nocturnas que têm lugar em bares e discotecas. As suas regras são informais e feitas pela própria subcultura.

A festa *trance* pode ser vista como uma celebração colectiva de uma subcultura, que procura fazer dela um ritual com elementos místicos e em comunhão com a natureza, na forma de dança e «transe» lúdico. Para este sentimento colectivo contribui o facto de os participantes estarem entre pares, junto de outros indivíduos que partilham os mesmos valores, longe dos olhares públicos e sem a presença de porteiros ou seguranças, por exemplo. Vejamos as seguintes mensagens deixadas num dos fóruns de discussão:

“Estava a ler as vossas mensagens e estava a ficar com os olhos repletos de água. Por incrível que pareça ao «mundo exterior», é assim que a grande família do trance sente a vida e a mãe natureza!!!!

O trance muda (e eu falo por mim...) a maneira de se ver a vida e faz-nos ter sensações que jamais alguma vez na vida pensamos e imaginamos sentir (...). É, no fundo, e como já disseram, o fugir à rotina do mundo real!!”

“Também concordo contigo quando dizes que o som liberta. Sem dúvida alguma! Posso confessar que sinto mesmo necessidade de ir a festa pelo menos uma vez por mês, para dar um pezinho de dança, aliviar o stress e pelo menos naquela altura não pensar no mundo exterior. Se calhar é a atitude errada, mas é uma grande «terapia» para mim. Toda a atmosfera que está inerente ao movimento trance. A Natureza, os amigos e o ambiente de absoluta descontração e harmonia. Encontrei-me no movimento trance e identifiquei-me em plenitude”.

Num certo sentido, a festa *trance* funciona como um «contraquotidiano», um evento delimitado no tempo e no espaço. A noção de «escape» ao quotidiano, ao mundo real, perpassa todo o discurso dos *trancers* e tem o seu culminar na festa nocturna. Este escape é, a todo o momento, instigado das mais variadas maneiras, sob a forma de um hedonismo exacerbado.

A análise aos *guestbooks* das páginas *trance* identificadas revela um incentivo constante à diversão, traduzindo a plena urgência da lógica do lazer. Grande parte das mensagens deixadas nos livros de visita das diversas páginas de Internet dedicadas ao *trance* psicadélico parece ter como objectivo reforçar o espírito festivo, a ânsia de diversão sem limite. Algumas drogas são, então, elogiadas e o seu consumo incentivado, na medida em que podem contribuir para a «viagem» e exponenciar a diversão.

Mensagens como as seguintes são frequentes:

“Como é people? Bora lá curtir! (...) Vamos dar uma cápsula de MDMA e bora curtir!! Xau aí.”

“Marem, mas marem muito... acidifiquem a vossa vida... e marem! Um abraço deste que vos tanto mara...”

“Festas e mais festas, cabeça cheia e mais cheia, sempre em alta!”

“Shankar! E a ouvir trance «som» que me faz mover, voar, viajar. Simplesmente psicadélico!!! Fiquem bene e voem muito!!!!!!!!!!”

“A todos os doídos pelo trance: curtam o máximo, metam o necessário mas atrofiem-se pouco!! Havemos de curtir ainda muito todos juntos!!”

Como têm realçado alguns autores (Horta, 1997; Carvalho, 2003), a subcultura *trance* assenta num repescar do psicadelismo de outras décadas, actualizando o ideário *Hippie* e outras utopias pacifistas. Ao mesmo tempo, funde elementos místicos, esotéricos, ambientalistas, *New Age* e outros. O resultado é uma subcultura que, à semelhança de outras, procura ser um movimento de «contracultura». Da fusão de influências resultou uma sigla – *PLUR* (*Peace, Love, Unity, Respect*)⁽⁴⁾ – que pode ser entendido como princípio unificador e orientador desta subcultura.

No entanto, ao contrário de outros movimentos, a subcultura *trance* não procura mudar o mundo, mas apenas arranjar maneira de escapar a este, isolando-se, nem que seja durante o tempo que dura a festa *trance*. Este isolamento, não obstante, é colectivo e feito sob a forma de viagem sensorial e expansão dos sentidos.

A análise aos *nicknames* dos participantes dos fóruns electrónicos de discussão monitorizados revelou, por um lado, que determinadas substâncias psicoactivas desempenham um papel preponderante – nem que seja no plano simbólico – e, por outro, que o *trance* psicadélico é um movimento juvenil que funde diversas influências culturais.

Os *nicknames*, ou *nicks*, como são mais conhecidos, são uma espécie de alcunha ou pseudónimo que o próprio utilizador elege. Naturalmente, a escolha, por ser voluntária, nunca é aleatória ou desprovida de intenção ou sentido subjacente. Um *nick* é, para todos os efeitos, um traço identitário.

De uma análise rápida aos *nicknames* a que recorrem aqueles que colocam mensagens nos fóruns electrónicos de discussão observados, ressalta a abundância de referências, implícitas ou explícitas, a psicotropos e também aos referentes culturais e simbólicos já citados.

Assim, por exemplo, encontram-se *nicknames* que remetem para substâncias como o LSD (*Lisérgico; LSDance; Lsd(alean); LSDancerInTheDark*), o MDMA (*Mdmaboy; Rodas; X-TasyGirl*), os cogumelos mágicos (*Cogumelizado; Cogumelah; Míscaro; Goamushroom; Shroomie*) ou outras (*Ricardo da Branca; DonPeyote; Psylocybe; Psilocibo; Morphine; Ketamine; Hashishin; Mescalito*).

Esta não é uma listagem completa ou, sequer, uma amostra representativa. Mas, mesmo que minoritários, não deixa de ser significativo a existência de tantos *nicknames* alusivos a substâncias psicotrópicas. Tal não acontece em fóruns electrónicos de discussão dedicados a outras temáticas, sejam elas o *tunning*, o anarquismo, o Sporting ou os D'ZRT, por exemplo.

A par destas substâncias que são, assim, enaltecidas, *nicknames* há que reforçam a própria ideia de *trip*, de estar fora da realidade (*StonedBoy*; *El mamado*; *Zé Mamado*; *NarcoticOs*; *Pedradas*; *Rodaltrips*, etc.) Muitos *nicks* remetem para um universo esotérico que mistura divindades com elementos de um mundo fantástico (*Magic_dwarf*; *Duende_mágica*; *Elf*; *Odin*; *Hestya*; *Wicca*; *Lordeshiva*; *Menina_Fada*; *AlianatedBuddha*; *Fullmoon*), para o psicadelismo (*Psiconauta*; *PsySerpent*; *Psy-revolution*; *Psyfinger*; *Psycandy*; *Acidkid*; *AcidQueen*), e ainda para um universo alienígena (*Summeralien*; *Alienfriend*; *UFO*; *Alucialien*).

Os próprios *trancers* explicam a razão da escolha do seu *nickname*, o que ajuda a reforçar a ideia que a escolha não é aleatória mas plena de sentido, remetendo sem sombra de dúvida para um universo simbólico próprio.

[Elf]

"O meu nick surgiu pelo meu fascínio por duendes, gnomos, fadas e todas essas criaturas do mundo fantástico!!!"

[Magic_dwarf]

"O meu antigo nick era porque o pessoal que me conhece dizia que muitas vezes olhavam para mim e me viam noutra mundo aparte do real. O actual nick pelo gosto por gnomos e duendes"

[Míscaro]

"O meu surgiu ...hmmmm aquilo que muitos de nós gostamos!! Hmmmm Psilocybe Cubensis!! Cogumelada!!!!"

[Shroomie]

"O meu também por aí!! Shrooms, shrooms, cogumelada!! Porque são muito poderosos!!"

[Fullmoon]

"Não foi por nenhum motivo em especial, apenas o fascínio e admiração que tenho pela lua! Achei que poderia traduzir todos os aspectos da lua, a sombra, a luz, a tristeza, alegria, festa, praia, mar"

[Hestya]

"Gostei daquilo que li sobre a deusa grega Hestya e identifiquei-me muito em alguns aspectos (necessidade de introspecção, a importância da paz interior...)"

4. CONSUMOS: REPRESENTAÇÕES DE SUBSTÂNCIAS PSICOACTIVAS

A análise efectuada revelou que os fóruns electrónicos de discussão associados à subcultura *trance* são locais de intensa troca de informações e relatos pessoais, espaços de aprendizagem e socialização com as drogas, em especial com aquelas substâncias psicoactivas que, pelos seus efeitos, mais próximas estão de servir determinados propósitos – nomeadamente o LSD e outros «ácidos», mas também novas drogas (sobretudo sintéticas) que vão aparecendo ou ouvindo falar-se. Por exemplo, há gente que pergunta como preparar chá de cogumelos, como evitar *bad trips*, os efeitos – positivos ou nefastos – de determinada mistura de substâncias, onde podem ser encontradas, etc.

O ciberespaço, e sobretudo os fóruns de discussão, são locais onde esta subcultura constrói discursos próprios sobre as diversas substâncias psicoactivas, dissuadindo o consumo de umas, incentivando o consumo de outras, ajudando a reduzir riscos, reforçando práticas seguras e alertando para comportamentos de maior risco.

"Também gosto de fazer umas viagens ao planeta zorg. É certo que queima muito, mas de vez em quando sabe muito bem. (...) Drogas duras não aconselho a ninguém, mas ácidos e químicos..."

"Consumam mais psilocibina, psilocina, salvia, dmt e harmala (150 microgramas de LSD também não vai fazer mal nenhum a uma mente equilibrada) e deixem as rodas e as anfetaminas para o House e para o Techno"

A análise dos ciberespaços permitiu perceber o significado que, para os elementos desta subcultura, tem o consumo de determinados psicotropos. Para esta população, o mais importante parece ser a ideia de fuga à realidade (ou ao quotidiano), o espírito festivo e a noção de «paraíso artificial». Tal fica bem explícito em duas mensagens retiradas de um fórum electrónico de discussão:

“Se pensares bem todo o conceito do trance é baseado na experiência psicadélica, e só em estados psicadélicos podes atingir tudo o que o trance tem para oferecer. É normal que as pessoas usem estas drogas em festas trance”.

“O objectivo final (digam o que disserem) é ficar num estado de percepção alterada. A música pode ajudar a atingir esse estado. Em linguagem mais simples, «a música sobe a broa”.

O tom geral que domina o discurso observado é de relativização dos riscos, sem condenar ninguém e atribuindo a cada consumidor absoluta responsabilidade individual. O mal, sempre que é admitido, é quase sempre atribuído aos padrões de consumo e nunca às substâncias em si. As drogas são vistas como algo que está presente em diversos contextos, uma realidade que se banaliza.

“Meu amigo, vou dizer-te um segredo: a droga está em todo o lado... sejam festas, universidades, firmas de advocacia, obras, discotecas de música latina. É só virar a esquina”.

No que toca ao consumo de substâncias psicoactivas, foram identificadas três tendências principais no discurso *trance*: **a)** a rejeição da heroína e, em menor grau, também do álcool, desacreditados por estarem associados a outros estilos de vida; **b)** o fascínio por substâncias psicadélicas e «expansoras da consciência», como o LSD e outros alucinogéneos; **c)** a glorificação de substâncias naturais, como os cogumelos mágicos ou a psilocibina, vistas como absolutamente inofensivas.

Visto à luz dos referentes culturais *trance*, com alusões constantes a um mundo «fantástico», esotérico e

psicadélico, estas tendências parecem encaixar. A fuga ao quotidiano, a procura de paraísos artificiais sensoriais e a alteração intencional dos sentidos são tomadas como fins em si mesmo. O consumo de determinadas substâncias é visto, assim, de uma forma utilitária, como algo que permite a «viagem», enquadrando-se dentro dos valores e da ideologia que esta subcultura se apropria no seu discurso.

Esta população revelou-se relativamente bem informada no que diz respeito às substâncias psicoactivas⁽⁵⁾. Perante esta subcultura, o desafio de quem faz prevenção é como actuar se o consumo de drogas já não pode ser visto como um desvio à norma, mas a própria norma (em determinado contexto, a festa *trance*). O risco é assumido e integra-se dentro da lógica sócio-cultural que enquadra o consumo⁽⁶⁾. As drogas são vistas como mais um elemento que está presente nas festas, a par da música, da roupa colorida e das alusões ao misticismo oriental, por exemplo. São enaltecidas, pelo seu valor utilitário: elas abrem a porta da diversão exacerbadas e dos paraísos artificiais.

5. PALAVRAS FINAIS

Esta investigação começou por identificar o universo simbólico *trance*, marcado por uma ideia de psicadelismo e pela noção de escape ao quotidiano. São estes referentes culturais, colectivos por natureza, que permitem entender comportamentos, como seja o consumo de psicotropos.

O hedonismo parece ser, nesses contextos, um fim em si mesmo, um valor absoluto que explica o consumo de substâncias que ajudam a dançar a noite inteira, que fazem desaparecer o medo e aumentam a sociabilidade. Da mesma forma, a valorização do psicadelismo explica o consumo de substâncias que dão acesso a alucinações várias, que deturpam os sentidos, que encenam a libertação de serotonina ou dopamina.

Esta investigação procurou ajudar a perceber o significado social do consumo de drogas para uma população específica, os adeptos de *trance* psicadélico, pondo a tónica nos processos motivacionais. Da análise feita aos discursos *trance* sobre o consumo de substâncias psicoactivas em meio recreativo e festivo, ressalta uma dimensão: o seu carácter colectivo. É, portanto,

entendendo o contexto maior que se pode aspirar a compreender o consumo individual. E só, então, agir.

Contacto:

Vasco Gil Calado (Antropólogo)
Núcleo de Investigação / Observatório de Drogas e
Toxicodependências / IDT
Praça de Alvalade, 7, 6º
1070-036 Lisboa
Tel.: 21 111 90 39
E-mail: vasco.calado@idt.min-saude.pt

NOTAS:

- 1) «Mundo cultural» é aqui entendido como o conjunto identitário de práticas, normas e valores que, em última instância, permite explicar os fenómenos de consumo de substâncias psicoactivas. A esta luz, o consumidor é visto como um ser social. Da mesma forma, o trance psicadélico é tomado como um movimento cultural e não apenas uma forma de expressão musical.
- 2) #Trance Psicadélico; ElastikPlastik; Danceclub.pt; Dance_Tv.pt e Sic Radical – C.C. Mini Fórum foram os fóruns de discussão seleccionados, dado a participação da comunidade *trancer* (sobretudo nos dois primeiros).
- 3) www.duendegreen.ompage.50megs.com (entretanto encerrada). Esta página foi, para este estudo, considerada representante, mas não representativa, da subcultura *trance*.
- 4) PLUR, em português, significa Paz, Amor, Unidade, Respeito.
- 5) “Sei perfeitamente a diferença entre um charro e um chuto de cavalo, e acho que a maior parte do pessoal da minha geração também. Um passeio de um dia por uma zona frequentada por toxicodependentes «hardcore» será em princípio suficiente para qualquer pessoa com dois dedinhos de testa fazer passar qualquer vontade de experimentar cenas mais duras”, lê-se numa mensagem retirada de um dos fóruns.
- 6) “Mais estúpido ainda é ser straight e morrer prematuramente porque se anda a comer ovos, mel ou outros géneros alimentícios com antibióticos e outras substâncias proibidas só para satisfazer interesses económicos”, lê-se numa mensagem retirada de um dos fóruns.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Calado, Vasco Gil (2006). “*Drogas Sintéticas. Mundos Culturais, Música Trance e Ciberespaço*”. Lisboa: IDT.
- Cardoso, Gustavo (1998). “*Para uma Sociologia do Ciberespaço*”. Oeiras: Celta.
- Carvalho, Maria Carmo (2003). “Expressões Psicadélicas Juvenis”. In Cordeiro, Graça Índias *et al.* (Coordenação). *Etnografias Urbanas*. Oeiras: Celta.
- Horta, Hugo (1997). “*As Dinâmicas Sócio-Culturais das Re-Uniões Associadas à Música Trance*”. Tese de Licenciatura, Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa.
- Hitzler, Ronald (2002). “Pill Kick: The Pursuit of «Ecstasy» at Techno-Events”. *Journal of Drug Issues*, 32 (2): 459-465.
- Redhead, Steve (Ed.) (1993). *Rave Off. Politics and Deviance in Contemporary Youth Culture*. Aldershot: Avebury.
- Silva, Victor (2005). “*Techno, House e Trance. Uma Incursão pelas Culturas da «Dance Music»*”. *Toxicodependências*, 11 (2): 11-19.